

FOTOS E MULTICULTURALISMO ÉTNICO EM SANTA CRUZ DO SUL: UM ESTUDO DE CASO NO JORNAL *GAZETA DO SUL* SOBRE OS CONCURSOS DE BELEZA DA RAINHA DA OKTOBERFEST E O MAIS BELA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL

MATEUS SILVA SKOLAUDE*
MARÇAL DE MENEZES PAREDES**

RESUMO

Este trabalho faz um estudo de caso sobre o multiculturalismo étnico em Santa Cruz do Sul tendo como mote dois concursos de beleza, a Rainha da Oktoberfest e A Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul. Os eventos ocorrem anualmente no Parque Municipal de Eventos da cidade. A pesquisa tem como objeto de análise o jornal *Gazeta do Sul*, periódico diário de maior circulação na região do Vale do Rio Pardo. Adotei como estudo de caso os meses de abril e novembro de 1994, período que marca os 15 anos dos respectivos eventos. Nesse sentido, as imagens fotográficas desses concursos representam uma ferramenta importante de análise das relações de alteridade a partir das representações sociais e dos códigos simbólicos específicos de cada grupo.

Palavras-chave: Multiculturalismo étnico. Santa Cruz do Sul. Jornal *Gazeta do Sul*.

ABSTRACT

This is a case study about ethnic multiculturalism in the city of Santa Cruz do Sul having as the main topics two beauty contests, the Oktoberfest Queen and The Prettiest Black Woman in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. The events occur once a year in the City Park of Events. The aim is to analyze the main daily newspaper in this city, the *Gazeta do Sul*, which has the largest circulation in the Vale do Rio Pardo region. The period between the months of April and November in the year of 1994 was adopted as a case study, when both events completed 15 years. Thus, the images of these contests are extremely relevant for analyzing the relations of otherness drawing on social representations and specific symbolic codes of each group.

Keywords: Ethnic multiculturalism. Santa Cruz do Sul. *Gazeta do Sul* Newspaper.

* Doutorando (CAPES) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). mateusskolaude@yahoo.com.br.

** Doutor em História pela Universidade de Coimbra, Portugal (2007); pós-doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011); professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Santa Cruz do Sul localiza-se na região central do estado do Rio Grande do Sul e possui uma população de 118.347 habitantes. É conhecida economicamente pela inter-relação do sistema agroindustrial do tabaco e por ser polo de desenvolvimento na região denominada Vale do Rio Pardo. Caracteriza-se, também, pelo predomínio de uma narrativa identitária germânica, de modo que a região foi um dos principais núcleos de colonização alemã no sul do Brasil, estabelecido a partir de 1849.

Nas últimas décadas do século passado, Santa Cruz do Sul apresentou um acentuado crescimento demográfico, uma vez que a cidade tornou-se polo de atração para migrantes em decorrência de seu acelerado crescimento industrial, promovido pela internacionalização econômica do setor fumageiro. Contudo, se por um lado as empresas tabagistas precisavam de trabalhadores, por outro, a cidade não possuía uma infraestrutura capaz de comportar esse vertiginoso crescimento populacional.

O lugar destinado aos migrantes, ou seja, aos “outros”, foram os bairros periféricos da cidade, num processo de segregação social e espacial. Diante desse quadro, a periferia urbana santa-cruzense se caracterizou como reduto marcado como o habitat natural da comunidade afrodescendente, que, apesar de corresponder a um percentual significativo da população, tem na exclusão territorial uma das suas principais características. Vistos como pobres e estrangeiros em relação à maioria étnica da população, a comunidade afrodescendente sofre o estigma da marginalização. Nesse cenário, a periferia se constituiu enquanto espaço estereotipado e fronteiriço, demarcador de relações simbólicas e práticas sociais de grupos que não se encaixavam nos padrões idealizados pela sociedade santa-cruzense. Além da estigmatização desse “outro”, a invenção de uma “identidade alemã” como forma de defesa frente à alteridade foi uma das estratégias principais de manutenção do poder por parte de grupos tradicionais no município.

Uma das (re)ações do Poder Público Municipal foi a tentativa de caracterizar um cenário para Santa Cruz do Sul que reproduzisse um imaginário de uma “nova Alemanha”. Essa representação social acabou sendo incorporada a partir de uma série de iniciativas políticas, folclóricas e históricas. Nesse contexto, no ano de 1984 é criada a principal festa de Santa Cruz do Sul, a Oktoberfest, que veio substituir a então Festa Nacional do Fumo (FENAF), realizada em três ocasiões nas décadas de 1960 e 1970. Entre as principais características da

Oktoberfest estão, de um lado, a identidade étnica teutodescendente (re)construída a partir da colonização alemã no Vale do Rio Pardo e, por outro, a questão econômica, vinculada à atividade turística.

Com o sucesso inicial, a Oktoberfest passou a ser reeditada anualmente, no mês de outubro, com uma média de 10 dias de festividades. A escolha das soberanas da festa é geralmente realizada entre os meses de abril e julho, com meninas de 15 a 25 anos de idade, majoritariamente loiras de cabelo claro e de preferência que dominem a cultura e a história de Santa Cruz do Sul, além do idioma alemão. A Oktoberfest é apresentada pela mídia como um retorno às tradições legadas pelos antepassados, partindo de mitos, costumes, crenças e modos de ser e fazer. O trabalho, a bravura, a coragem, a higiene, o espírito empreendedor e associativo, são alguns dos elementos ressaltados e reverenciados na festividade; são reafirmadas as identidades e reforçados os laços simbólicos.

Nesse mesmo processo histórico se constroem os enunciados de uma política multicultural que estabelece fronteiras culturais e étnicas bem definidas, ou seja, Santa Cruz do Sul se constitui num espaço significativo de políticas e eventos organizados pelas comunidades negras. Nesse sentido, destaca-se o concurso de beleza que elege a Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul, realizado pela primeira vez no ano de 1984, o mesmo ano da primeira Oktoberfest. Promovida pelo Grêmio Recreativo Operário, a disputa ocorre entre mulheres negras de vários municípios do Estado. O evento ocorre anualmente, no mês de novembro, no Pavilhão Central do Parque da Oktoberfest, em Santa Cruz do Sul. Nele, o corpo negro e o cabelo crespo, vistos histórica e socialmente como estigmas, são transformados em símbolo de orgulho e afirmação etnicorracial.

Dessa forma, tendo como objeto de análise o jornal *Gazeta do Sul*, o objetivo deste ensaio consiste em um estudo de caso sobre as representações sociais a partir de fotos de afrodescendentes e teutodescendentes e do multiculturalismo étnico em Santa Cruz do Sul, tendo como mote os concursos de beleza da Rainha da Oktoberfest e a Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul. Adotei como estudo de caso desses concursos os meses de abril e novembro de 1999, data que marca os 15 anos dos respectivos eventos. As imagens fotográficas desse periódico constituem uma ferramenta importante de análise das relações de alteridade a partir das representações sociais e dos códigos simbólicos específicos de cada grupo.

1 CULTURA VISUAL, FOTOGRAFIA E MÍDIA: DEBATE CONCEITUAL NO CAMPO DA HISTORIOGRAFIA

Segundo Thompson (1995), na sociedade moderna, a mídia ocupa um papel central na definição de pautas e conteúdos do discurso público. As formas simbólicas integram a realidade social, de forma a criar e manter relações de poder, ou seja, o desenvolvimento de diferentes meios de comunicação de massa, que não devem ser vistos como meros propagadores de bens simbólicos que atuam de forma neutra, deixando as relações sociais intactas. Os meios de comunicação de massa devem ser compreendidos como instrumentos de difusão e legitimação de significados que exercem papel preponderante na sociedade moderna, constituindo-se em alvos centrais de demandas com objetivos diversos de ação e produção das relações de poder.

Na mesma direção, ao tomarmos as imagens como formas simbólicas de representação do real, é preciso atentar para o fato apontado por Knauss (2003, p. 3) de que a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras culturais estabelecidas pelo sentido humano da visão, uma vez que a imagem se identifica com uma variedade de grupos sociais que nem sempre se identificam pela palavra escrita. No campo da fotografia, Monteiro (2008, p. 148) entende a imagem fotográfica de natureza híbrida, isto é, por um lado, produzida dentro de uma perspectiva física e química, e por outro, como a ação do homem a partir de uma subjetividade relacionada a uma determinada realidade histórica, social, cultural e política. Nesse caso, considera que “a fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, que é passível de múltiplas problematizações e interpretações e se caracteriza por ser um determinado recorte do real”.

Trabalhando com uma perspectiva histórica, Mauad (2005, p. 134) considera que o processo de produção de imagens foi extremamente intenso nas últimas décadas do século XIX, mas, sobretudo, ao longo do século XX, a ponto de a história desse período poder ser contada por meio das imagens técnicas, ou mais precisamente, das fotografias. Sobre essa discussão, Sontag (2004, p. 13) estabelece uma analogia interessante sobre as imagens e a sociedade moderna: “a humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade”.

No campo da historiografia, Ana Maria Mauad (2005) reconhece que, em termos gerais, ainda existe uma forte resistência

em relação à possibilidade de estabelecimento de um vocabulário adequado à natureza visual da fotografia. É importante ter presente que a tradição em pesquisa histórica, por muito tempo, priorizou as fontes escritas, relegando as imagens a um papel secundário no campo da historiografia, uma vez que as imagens geralmente eram utilizadas nos campos em que as fontes escritas não se faziam suficientes. Para Knauss (2003, p. 5), “a hegemonia da fonte escrita e oficial se vincula então diretamente ao desprezo, na historiografia, por um valioso e diversificado conjunto de fontes, como as visuais”.

No mesmo caminho das fontes visuais, houve, por parte da historiografia mais contemporânea, um efetivo reconhecimento dos periódicos como fonte de pesquisa histórica, ou seja, essa valorização é fruto do debate historiográfico contemporâneo, que, conforme Capelato (1998, p. 20), redefiniu o significado do documento para a história, tendo amenizado e até mesmo excluído as “suspeitas” contra a imprensa enquanto objeto de estudo. Assim, os periódicos passaram a ser aceitos como fonte historiográfica. O documento jornalístico foi admitido como ferramenta para construção e reconstrução do passado a partir das necessidades e perspectivas do presente.

Conforme Mauad (2005, p. 133), houve um aumento considerável de pesquisas, a partir da década de 1990, com a utilização de imagens e fotografias como fontes, de modo que “tal movimento aliou-se a um investimento transdisciplinar que visou superar os limites da análise histórica do gênero iconográfico, buscando em diferentes disciplinas das Ciências Sociais uma inspiração metodológica renovadora”. Ao discutir metodologicamente a fotografia como fonte para pesquisa em história, a autora destaca três premissas para o tratamento crítico das imagens fotográficas: a noção de série ou coleção; o princípio de intertextualidade; e o trabalho interdisciplinar.

No que concerne ao princípio de intertextualidade, a autora traz uma importante análise entre os nexos da fotografia e o texto escrito: “uma fotografia, para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade de uma época” (MAUAD, 2003, p. 140). Sobre a pesquisa com periódicos, De Luca (2006, p. 118) salienta que, ao utilizar a imprensa como fonte da história, cabe ao historiador compreender os percursos subjetivos da produção de tal documento e os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes que nada têm de natural.

De Luca (2006) alerta que historicizar os periódicos requer ter em conta a localização das fontes escolhidas numa série, uma vez

que estas não se constituem em um objeto único e isolado, isto é, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história. E afirma: “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.

Diante desse quadro teórico, analisaremos, no próximo tópico, o papel adotado pelo jornal *Gazeta do Sul* enquanto veículo de legitimação identitária de teutodescendentes e afrodescendentes, bem como na configuração simbólica de cada grupo, ou seja, como as identidades serão reivindicadas e representadas nesse periódico.

2 JORNAL GAZETA DO SUL: RELAÇÕES INTERÉTNICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Gazeta do Sul é o mais importante jornal da região do Vale do Rio Pardo, com circulação por todo o Estado e, inclusive, fora do Rio Grande do Sul. Sua criação está diretamente vinculada à extinção, em 1941, do tradicional jornal *Kolonie*, editado em língua alemã e que foi fechado em decorrência da Campanha de Nacionalização, em 1937, implementada pelo presidente Getúlio Vargas, e do início da Segunda Guerra Mundial.

Em consequência desse processo, é criado o jornal *Gazeta de Santa Cruz*, cuja primeira edição circulou em 26 de janeiro de 1945. No primeiro ano, até dezembro, o jornal era editado uma vez por semana. A partir de 1946, passa a ter a circulação de duas vezes por semana.

Na década de 1950, com a aquisição de equipamentos mais modernos, muda a periodicidade, passando a circular três vezes por semana. Em 1957, passa a denominar-se *Gazeta do Sul*. A mudança não ocorreu por acaso, uma vez que refletia uma nova estratégia política, voltada para a regionalização da cobertura jornalística. No mesmo período, passa a ter quatro edições semanais e, logo em seguida, cinco edições. A partir do final da década de 1980, a *Gazeta* passou a circular com edição diária, consolidando-se como o jornal de maior tiragem na região. Nos anos 90 o jornal foi totalmente informatizado, de modo que todo o material, incluindo redação, publicidade e produção de arte-final, passou a ser feito eletronicamente. Foram instalados ainda equipamentos para a recepção de agências de notícias via satélite e para produção de páginas coloridas.

Os anos 2000 consolidaram a *Gazeta do Sul* como um dos mais respeitados jornais do interior do Estado. Por três anos seguidos,

chegou à final do Prêmio ARI de Jornalismo, uma das mais tradicionais premiações da área no Brasil¹.

A *Gazeta do Sul* é o jornal de maior tiragem entre os veículos impressos regionais do país, num total de 15 mil exemplares de segunda a sexta e 18 mil no sábado/domingo. Destes, 66% circulam em Santa Cruz do Sul, município sede da empresa jornalística. A publicação conta ainda com 11 mil assinantes², espalhados entre os mais de 400 mil habitantes da região.

O jornal *Gazeta do Sul* apresenta como característica editorial um discurso amparado numa narrativa etnocêntrica germânica, ou seja, há uma constante estratégia política e comunicativa de estabelecimento de um poder étnico-cultural regional. Desde os primeiros anos de edição, já possuía um engajamento político, conforme demonstra esta imagem:



FOTO 1 – Título da matéria: Brasil Correio – Primeiro centenário da colonização de Santa Cruz do Sul.

FONTE: *Gazeta do Sul* (10 jul. 1949, contracapa).

Naquele ano, foi estruturado um projeto de selo para as comemorações do centenário da imigração/colonização alemã na região. Esse selo não foi aprovado pela Empresa Brasileira de Correios, devido à conjuntura política estabelecida após Segunda Guerra Mundial. Contudo, no noticiário da *Gazeta do Sul*, esse selo foi

¹ Essas informações encontram-se disponíveis em: <http://www.gaz.com.br/gazetadosul/conteudo/99-institucional.html>. Acesso em: 16 jun. 2012.

² Dados do Núcleo de Pesquisa Social da Universidade de Santa Cruz do Sul, de novembro e dezembro de 2008.

divulgado, mas sem referência ao veto dos Correios. Nota-se que a imagem do selo reforça os elementos da história oficial e do trabalho do imigrante alemão, assim como da religiosidade, tendo ao fundo a Catedral São João Baptista.

Outro exemplo de posicionamento editorial foi a criação do concurso de monografias intitulado “Santa Cruz do Sul – aspectos de sua história”. Esse concurso foi promovido pelo jornal e patrocinado pela prefeitura de Santa Cruz do Sul, que concedeu Cr\$40.000,00 em prêmios. O evento foi lançado oficialmente em julho de 1978 e finalizado no início de 1979. O regulamento previa a realização de trabalhos inéditos sobre qualquer aspecto e época da história de Santa Cruz do Sul. Os três primeiros colocados foram premiados com uma quantia em dinheiro e com a publicação de seus trabalhos em livros pela APESC (Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul).

No conjunto de características comuns que norteiam esses trabalhos acerca da história da colonização/imigração alemã em Santa Cruz, é recorrente a ética do trabalho como estrutura fundamental do espírito empreendedor e associativo, a moralidade e a higiene (limpeza) na vida cotidiana, o mito do pioneirismo como matriz genealógica da comunidade e o diferencialismo étnico estruturado em discursos contrastivos da identidade cultural hegemônica. Nesse contexto, a história oficial contorna sobremaneira a participação de outros grupos étnicos na formação da cidade e região, conforme demonstra esta passagem de uma das obras premiadas no concurso:

Nas zonas interioranas, via de regra o elemento luso ficou marginalizado, inclusive economicamente; pois não conseguiu alcançar a produtividade e a prosperidade do colono alemão. Atitudes discriminatórias foram eventualmente tomadas pelos colonos alemães com relação aos elementos de cor, a quem muitas vezes atribuíam defeitos como a preguiça, a pouca preocupação com a economia, o desleixo. (KIPPER, 1979, p. 43).

Por tais razões, o discurso identitário contrastivo é evidenciado pelas inúmeras referências aos luso-brasileiros e afrodescendentes, comumente associados ao escravismo e a uma colonização exploratória pouco empreendedora, no mesmo sentido da superioridade do desenvolvimento econômico regional relacionado à etnicidade germânica. Assim, o jornal *Gazeta do Sul* imprime sua marca no processo de construção de um imaginário social através de imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.

Contudo, imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real. Para Pesavento (1994, p. 9), as imagens presentificam uma determinada faceta do real, isto é, as imagens precisam ter a aparência da verdade, precisam convencer que aquele é o real. Dessa forma, é na sua aceitação e capacidade mobilizadora que se mede a eficácia das representações, sejam elas imagens ou discursos. Nesse caso, a historiadora aponta um elemento central que serve como referência para o posicionamento adotado pelo jornal *Gazeta do Sul*, a partir da definição de papéis para posições polares e antagônicas, uma vez que “os negros são associados à vagabundagem e ao ócio e, conseqüentemente, propensos à contravenção, e os descendentes de imigrantes têm a sua imagem associada ao trabalho redentor, ao progresso e à honra”.

A mudança no processo urbano-industrial de Santa Cruz do Sul, sobretudo na década de 1980, gerou a emergência dos pobres, dos subalternos; estes, por sua vez, precisavam ser enquadrados em uma configuração social supostamente mais ordenada, bela, higiênica e moral. Nesse contexto, a questão social foi enunciada enquanto problema e suscitou discursos que descreveram, analisaram e promoveram estratégias intervencionistas conforme caracterizam as duas fotos com os respectivos títulos das matérias:

	
<p>FOTO 1 – Título da matéria: Desemprego FONTE: <i>Gazeta do Sul</i> (29 ago. 1981, p. 9).</p>	<p>FOTO 2 – Título da matéria: Os deficientes clamam por seus direitos. FONTE: <i>Gazeta do Sul</i> (17 jan. 1981, p. 10-11).</p>

Como se nota, as fotos e os títulos das matérias colaboram no processo de reconhecimento de um grupo excluído socialmente, mesmo que, no corpo discursivo dos textos, não se tenha nenhuma conotação de cunho étnico ou racista. As imagens carregam uma série de significados que estabelecem a produção da identidade do

outro. Segundo Bhabha (1998, p. 105), o estereótipo se estrutura na contemporaneidade como a principal estratégia discursiva, sendo uma forma de conhecimento e identificação que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido.

Nesse caso, é importante perceber, conforme o autor, que a construção da alteridade, dentro desse contexto, depende do conceito de “fixidez”, enquanto signo da “diferença cultural/histórica/racial”, que assim estabelece uma marca capaz de legitimar e reforçar os mecanismos de controle do imaginário social, ou seja, as fotos representando um homem negro embriagado deitado sobre o cordão da calçada e a mãe com seus quatro filhos deficientes, todos negros, conotam também “desordem e degeneração”. Convém assinalar que a pesquisa³ realizada no jornal *Gazeta do Sul*, sobretudo durante a década de 1980, indica aspectos muito próximos aos apontados por Schwarcz (1987, p. 168) em pesquisa realizada com periódicos paulistas do final do século XIX. Segundo a autora, o negro, na maioria dos casos, é representado através de estereótipo, ou seja, como alguém diferente do “familiar”, do “elegante” e do “profissional”.

Foucault (2001) aponta que o discurso disciplinar põe em relação uma diversidade de tipos anormais, desde os loucos, os primitivos, os incapazes, os criminosos e os considerados racialmente inferiores. Na mesma direção, Tagg (2005, p. 94) estabelece que esse conhecimento e esse domínio faz da fotografia uma ferramenta poderosa de mapeamento da tecnologia política do corpo, uma instrumentalização difusa e multiforme que não pode localizar-se em um tipo concreto de instituição ou aparato estatal, senão que se situa em um âmbito diferente, em uma “microfísica” do

³ Ao elaborar a dissertação de mestrado defendida no ano de 2008 junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), pesquisei exemplares do jornal *Gazeta do Sul* das décadas de 1970 a 2000. Foram selecionados para pesquisa e coleta de dados os periódicos de quarta-feira, sábado e domingo, que são os dias em que há maior número de reportagens e encartes. Vale lembrar que não necessariamente só estes dias foram pesquisados, outros dias da semana também o foram, dependendo de alguma data especial, ou conforme a própria dinâmica da pesquisa. A partir das fontes documentais coletadas, foi analisado um conjunto de matérias, entre artigos, encartes, noticiários, fotos, charges, editoriais e outros. A década de 1980 foi o período mais pesquisado e explorado. Isto deve-se ao fato de já ter sido realizado um trabalho monográfico intitulado *A (in)visibilidade do negro em Santa Cruz do Sul (1980-1990)*, que foi defendido em 2006 junto ao curso de Especialização em História do Brasil: Novas Perspectivas em Ensino e Pesquisa, pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Ver: (SKOLAUDE, 2008 e SILVA, 2007).

poder, entre os grandes mecanismos e os próprios corpos, estabelecidos em um emaranhado de relações em constante tensão que penetram no mais profundo tecido da sociedade.

Conforme Tavares (2006), especialmente no jornalismo impresso diário, palavras e imagens, a todo instante, constroem representações, agregando ao mundo novidades, reiterando consensos. Assim, quanto menos os leitores decodificam o código verbal, maior é a importância das imagens disponíveis, de modo que as fotografias não são meramente ilustrativas, representam narrativas dotadas de mensagem específica e de uma pretensa representação do real. A imagem do jornal funciona como comprovação visível de um acontecimento, como testemunho do que se narra. Nesse caso, as fotografias jornalísticas tornam visíveis e atualizam muitas diferenças históricas; elucidam a hierarquia social e econômica e demarcam as diferenças étnicas, que circundam as relações entre os diversos atores sociais.

A partir desse contexto, analisaremos as fotografias dos concursos de beleza da Rainha da Oktoberfest e da Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul, articulando essas imagens a uma discussão teórica e conceitual das representações de poder, levando em conta que os meios de comunicação de massa possuem o privilégio de legitimar, nominar, normatizar, circular ideias, conceitos e referenciais simbólicos. Assim, o jornal *Gazeta do Sul* constitui um espaço privilegiado para percebermos as negociações identitárias, bem como os lugares ocupados pelos diferentes grupos étnicos no dinamismo das relações sociais, culturais e políticas, tendo como objeto de estudo os meses de abril e novembro de 1999, data que marca os 15 anos dos respectivos eventos.

3 JORNAL GAZETA DO SUL, MULTICULTURALISMO E REPRESENTAÇÃO FEMININA: OS CONCURSOS DE BELEZA DA RAINHA DA OKTOBERFEST E DA MAIS BELA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL

Com a aceleração do processo de globalização posterior à Segunda Guerra Mundial, a intensificação das migrações e a expansão dos meios de comunicação, as fronteiras que estabeleciam pretensas individualidades culturais são constantemente expostas, desestabilizando as concepções essencializadas de cultura. Dessa forma, as identidades culturais modernas, caracterizadas pela homogeneização cultural e pelo Estado-nação são colocadas em xeque. O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma dessas

transformações sociais e políticas, ocorridas a partir da segunda metade do século XX, ou seja, esse movimento configura-se como uma ideologia, a do politicamente correto, ou como aspiração. Segundo Taylor (2000), o multiculturalismo pode ser interpretado como uma política contemporânea, em favor de grupos minoritários ou subalternos, resultante de um processo de mistura, bem como de encontro entre diferentes grupos étnicos. Orienta-se pelo postulado da tolerância, pela preocupação com o direito das comunidades à autoafirmação e com o reconhecimento público de suas identidades por escolha ou por herança.

Contudo, conforme Silva (2000), o multiculturalismo apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito com a diversidade e a diferença, sendo assim esta categoria política não consegue fugir de uma lógica de diferenciação binária na qual a diferença não pode ser pensada fora de um processo de hierarquização, ou seja, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas, são tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Como exemplo dessa demarcação simbólica e essencialista apresentamos uma foto do Caderno Gazetinha (suplemento infantil da *Gazeta do Sul*) que tem como manchete “Flagrantes da vida real”:



FOTO 3 – Título da matéria: Flagrantes da vida real.
Fonte: *Gazeta do Sul*, Caderno Gazetinha (11 fev. 1994, p. 2).

Observa-se na foto a caracterização de três meninos com tamborins, dois negros e um loiro, em um ensaio de bateria de carnaval. Cumpre-nos assinalar a frase contida abaixo da foto: “– Epa! Tem alemão no samba”. Antes de qualquer problematização, é

importante destacar que o carnaval brasileiro é uma festa que tem um caráter eminentemente urbano e popular, e tida como espaço de afirmação e contradição, seja no plano social, cultural, político ou econômico.⁴

Nesse sentido, ao problematizar a imagem e o tom de espanto contido na expressão da frase, verifica-se que ambas refletem a produção simbólica e discursiva da diferença e da fronteira cultural, que, conforme a mensagem, não aceita, ou se surpreende com a presença de um menino loiro numa festa popular de identidade nacional. Em outras palavras, nota-se que o enunciado constrói uma representação que identifica a criança loira supostamente fora de seu *habitat* natural.

Dessa forma, o multiculturalismo enquanto política de reconhecimento estrutura-se em práticas demarcatórias de fronteiras culturais, relações de poder e submissão, sobretudo por tratar “as culturas” como essências, não permitindo assim a visualização da heterogeneidade intrínseca dos diferentes grupos, além de ser um mecanismo poderoso de controle da alteridade. O poder de definir a identidade e de demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Os concursos de beleza em Santa Cruz do Sul representam um espaço analítico interessante para percebermos a rede de símbolos e significados que são (re)criados e atribuídos aos diferentes grupos étnico-culturais a partir de uma perspectiva multicultural. Em julho de 2010, a escolha da Rainha da Oktoberfest repercutiu nacionalmente entre os meios de comunicação, com a escolha de uma soberana morena, de sobrenome italiano, de cabelos escuros e que não era natural de Santa Cruz do Sul. No programa “Jornal do Almoço”, na RBS-TV, durante mais de duas semanas no jornal *Gazeta do Sul* e nas diversas emissoras de rádio, as pessoas vinculadas ao Poder Público, a organização do evento e a comunidade em geral se manifestavam dando suas explicações e opiniões a respeito do assunto.

Nesse caso, a perspectiva “normal” dentro de um espaço e de uma política multicultural seria o estereótipo, ou seja, a escolha de uma mulher loira de descendência germânica, de modo que a tendência à naturalização da cultura são características que permitem a definição de fronteiras culturais/étnicas internas nas comunidades. Para tanto, são esses os mesmos elementos que servem como referência contrastiva nas relações interétnicas, ou

⁴ Sobre o carnaval ver: DA MATTA, 1980.

seja, essas relações envolvem uma série de recursos simbólicos e materiais, onde a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes atores garantirem o acesso privilegiado aos bens sociais.

É preciso notar que Santa Cruz do Sul, desde o final da década de 1970, constitui-se num espaço significativo de políticas e eventos multiculturais articulados pelas comunidades negras santa-cruzenses, que buscam, a partir dos eventos, formas de afirmação identitária no município. Nesse sentido, destacam-se as atividades relacionadas ao universo da beleza, através de desfiles como o da Boneca Café e da Miss Mulata, eventos que precederam ao concurso do Mais Bela Negra, que, no ano de 2011, teve sua 27ª edição, mesmo número de edições da Oktoberfest. Assim, apresentamos as fotos das capas do jornal *Gazeta do Sul*, na data correspondente à cobertura dos respectivos eventos.



FOTO 4 – Título da matéria: “Público lotou pavilhão para ver Fabiane vencer”
Fonte: *Gazeta do Sul*, 12 abr. 1999, capa.



FOTO 5 – Título da matéria: “Representante de Venâncio é a Mais Bela Negra do RS”
Fonte: *Gazeta do Sul*, 17 nov. 1999, capa.

Meu objetivo inicial neste ensaio era fazer um estudo comparativo sobre os 10 anos dos respectivos eventos, ou seja, uma pesquisa no ano de 1994. Contudo, verifiquei, pesquisando todo o mês de novembro, que o concurso A Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul daquele ano não teve nenhuma cobertura jornalística, ao contrário da escolha da Rainha da Oktoberfest, que teve ampla divulgação, no mês de julho, nas páginas do jornal mais popular do Vale do Rio Pardo. Utilizei como “plano B” os 15 anos dos respectivos eventos.

Como primeiro aspecto a ser levantado, cumpre assinalar que ambos os eventos foram realizados em sábados à noite, a escolha da Rainha da Oktoberfest no dia 10 de abril de 1994, e a escolha da Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul, no dia 13 de novembro de 1999. Portanto, as datas de cobertura dos respectivos eventos foram distintas, ou seja, a escolha da soberana da Oktoberfest foi amplamente divulgada na segunda-feira, 12 de abril, enquanto a Mais Bela Negra teve cobertura na quarta-feira, 17 de novembro. Ambos os eventos tiveram chamadas na capa do jornal. Na escolha da soberana da Oktoberfest, constatamos 60% da página ocupada com a matéria e as imagens, uma foto maior e horizontal, num primeiro plano com as três vencedoras, sendo duas delas loiras, a rainha e uma das princesas, e uma outra princesa morena. Ao fundo, presencia-se o público na parte mais abaixo e as decorações com faixas nas cores vermelho, amarelo e preto, representando as cores da Alemanha.

Na página 6, no caderno geral, está a cobertura do evento em uma página exclusiva com quatro fotos, uma horizontal, priorizando as 25 candidatas de corpo inteiro, com seus vestidos longos, sobre a passarela. As outras três fotos são individuais, priorizando o corpo das candidatas da cintura para cima, com as três vencedoras. Na parte superior, temos a rainha, em uma foto vertical, e, na parte inferior, as duas princesas em fotos menores e quadradas. Nas páginas 14 e 15, na coluna social, denominada “Jornal do Ike”, verifica-se 80% do espaço destinado ao evento, com 14 fotos retratando os bastidores do concurso. Basicamente, 13 dessas fotos possuem o mesmo padrão de tamanho, representam as candidatas com familiares, jurados e algumas ex-rainhas. Na parte superior da página 15, há uma foto vertical e maior que as outras da coluna, em que é retratada a rainha Fabiane Schüncke, praticamente de corpo inteiro. Do lado esquerdo da foto, uma pequena biografia da soberana, destacando elementos familiares, a escolaridade e uma chamada especial, frisando que a candidata era uma das poucas que falava fluentemente o idioma alemão.

No concurso A Mais Bela Negra, verifica-se 20% da capa destinada à cobertura do evento, no canto superior esquerdo um breve texto e uma foto vertical da vencedora. Nessa representação, aparece a venâncio-aiarense Angelita Elena dos Santos fantasiada de africana e com os seios descobertos. Na página 26, na coluna social do Ike, 70% do espaço foi destinado ao evento, com sete fotos. As três fotos maiores, na parte superior da página, são verticais e representam as três vencedoras com boa parte do corpo descoberto, realçando os corpos *seminus* das pernas à cabeça. Nas quatro fotos na parte inferior da página, a coluna prioriza a participação das organizadoras do evento com algumas figuras solenes que participaram como jurados do evento, isto é, o então deputado federal Paulo Paim, hoje senador, e a então primeira-dama Kelly Moraes, hoje prefeita de Santa Cruz do Sul.

Nota-se categoricamente, nessas fotos, as fronteiras culturais que uma política multicultural configura, ou seja, o multiculturalismo se estrutura como uma política baseada na ideia de tolerância, de aceitação dos “outros”, desde que sejam mantidas as suas fronteiras culturais, devidamente demarcadas. Diante disso, o essencialismo identitário e a tendência à naturalização da cultura são características que, por sua vez, permitem a definição de fronteiras e estereótipos étnicos/culturais internos na comunidade, como é o caso da escolha da Rainha da Oktoberfest e da Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul.

Ou seja, as fotografias representam as soberanas da Oktoberfest a partir de narrativas que vinculam o universo da “nobre beleza europeia”, a partir dos longos vestidos com detalhes em preto, amarelo e vermelho, dos compridos cabelos loiros e dos olhos claros, dos valores da família e conseqüentemente dos bons costumes. Por outro lado, as fotos que representam as mulheres afrodescendentes, no concurso A Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul, configuram uma posição que lhes seria praticamente nata, como o talento, a beleza do corpo e a sensualidade.

Como se observa, o multiculturalismo, enquanto política de convívio e tolerância com as diferenças, fundamenta-se num jogo de relações de poder e submissão, sendo uma política demarcadora de fronteiras culturais, sobretudo por tratar “as culturas” de forma essencializada, além de ser um mecanismo poderoso de controle da alteridade. Em razão disso, pode-se inferir que o reconhecimento de manifestações culturais não implica necessariamente resultados na construção de condições concretas de afirmação no jogo político. A questão não se localiza no reconhecimento, mas, sobretudo, na possibilidade de participação no jogo democrático do poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Santa Cruz do Sul é caracterizada pelo discurso ufanista do pioneirismo alemão. Na concretização dessa representação, o jornal *Gazeta do Sul* se revelou um mecanismo estratégico utilizado na ordem de uma narrativa hegemônica. Notou-se por parte das fotos jornalísticas uma postura etnocêntrica que privilegia informações relativas a segmentos da sociedade com padrões de referência oriundos da Europa, em especial, da Alemanha. Esse periódico, ao ressaltar sistematicamente os valores históricos da comunidade teutodescendente, acaba por legitimar um discurso homogeneizador mas, fundamentalmente, construtor de sentidos, ao mesmo tempo em que estigmatiza os sujeitos afrodescendentes a um estado de exclusão social, representando-os como estrangeiros, pobres, indolentes e deficientes, e nos concursos de beleza, a partir da corporificação da sensualidade negra. Assim, este ensaio buscou uma reflexão acerca das construções identitárias, fundamentais na perspectiva de se pensar a alteridade, haja vista que discutir o papel da imprensa escrita e da fotografia é ponto central para uma problematização dos espaços de representações e das relações interétnicas de afrodescendentes e teutodescendentes em Santa Cruz do Sul.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla, Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-154.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KIPPER, Maria Hoppe. **A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul: 1937-1945**. Santa Cruz do Sul: ASPEC, 1979.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 97-115.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, v. 13, n.1, p. 133-174, 2005.

MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra J; ROSSINI, Miriam S.; SANTOS, Nádia M. W. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 148-171.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade**: vida e trabalho 1880-1920. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação, etnicidade e preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKOLAUDE, Mateus Silva. **Identidades rasuradas**: o caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 13-35.

TAGG, John. **El peso de la representación**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005. Capítulos: 2. Prueba, verdad y orden: los archivos fotográficos, p. 81-88; 3. Um médio de vigilância: la fotografía como prueba jurídica, p. 89-133.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: _____. **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 241-274.

TAVARES, Frederico de Mello Bretão. Um Outro nos cadernos “Cidade”. In: VAZ, Paulo Bernardo. **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 59-65.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

Fontes primárias

GAZETA DO SUL: Arquivo da Biblioteca Central da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.